



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 34 – maio de 2025**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2025i34p82-100>

**Deslocamentos do Aberto em António Ramos Rosa**

**Displacements of the Open in António Ramos Rosa**

*Gustavo de Castro<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Nosso objetivo, aqui, é perceber os deslocamentos conceituais da noção de aberto na *Obra Poética I* (2018) e *Obra Poética II* (2020), do poeta português António Ramos Rosa (1924-2013). Nesse sentido, este estudo faz uma crítica à tese de Helena Costa Carvalho (2022), de que a noção aparece a primeira vez em 1963, no livro *Ocupação do Espaço* (1963) e, depois, em *Estou Vivo e Escrevo Sol* (1966), apontando evidências de que surge como verticalidade, experiência, horizonte, espaço, dimensão e direção bem antes, nas obras iniciais *Grito Claro* (1958), *Voz Inicial* (1961) e *Sobre o rosto da terra* (1961). Da mesma forma, este estudo visa corroborar a tese de Aline Duque Erthal (2017), para quem Ramos Rosa concebe um “aqui e agora no aberto”. Nossa conclusão é a de que o poeta propicia uma viagem pelo aberto, profunda e alargada, porque mística, erótica e estética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Obra Poética; Verticalidade; Comunicação; Espaço; Poesia

**ABSTRACT**

Our objective here is to understand the shifts in the notion of Open in *Obra Poética I* (2018) and *Obra Poética II* (2020), by the Portuguese poet António Ramos Rosa (1924-2013). In this sense, this study criticizes Helena Costa Carvalho's (2022) thesis that the notion first appears in 1963 in the books *Ocupação do Espaço* (1963) and *Estou Vivo e Escrevo Sol* (1966), pointing out evidence that it appears as verticality, experience, horizon, space, dimension and direction much earlier, in the initial works *Grito Claro* (1958), *Voz Inicial* (1961) and *Sobre o rosto da terra* (1961). Likewise, this study aims to corroborate Aline Duque Erthal's (2017) thesis, for whom Ramos Rosa conceives a “here and now in the open”. Our conclusion is that the poet provides a journey through the open that is deep and broad, because it is mystical, erotic and aesthetic.

**KEY-WORDS:** Poetic Work; Verticality; Communication; Space; Poetry

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília – UnB; Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPG-FAC) – Brasília – DF – Brasil – [gustavo.castro@fac.unb.br](mailto:gustavo.castro@fac.unb.br)

## Introdução

Apoiado o presente artigo em estudos anteriores (Erthal, 2017; Carvalho, 2021, 2022), pretendemos pensar, em Ramos Rosa, a noção de Aberto e seus deslocamentos de sentido. Precisamos dizer, à partida, que entendemos a noção de aberto como uma dimensão espacial do tempo e como um modo de ser próximo ao que entendeu o poeta Roberto Juarroz (1980; 1994; 1997), que a igualou a um estado de “verticalidade”. A partir de tal premissa, Dravet (2014) pensou a noção como um modo perceptivo-poético de estar no mundo, maneira ou estado simultaneamente de prosa e poesia, mobilização psíquica e corporal, estado mental específico de atenção poética e *aisthesis*; o aberto para ela permite perceber o nó górdio entre liberdade, risco, desamparo, coragem e alegria.

Este artigo busca investigar os deslocamentos da noção do Aberto em António Ramos Rosa a partir desse modo perceptivo-poético, portanto, num diálogo de três visões: 1) uma elaborada por Dravet (2014) a partir das ideias de Roberto Juarroz, René Char e Martin Heidegger; 2) uma elaborada por Erthal (2017) e Carvalho (2022) em suas teses, respectivamente, *Deserto Excessivo: Convivência de Múltiplos* em António Ramos Rosa e *A lucidez do poema* – a meditação metapoética como caminho filosófico e sapiencial em António Ramos Rosa e, por fim, 3) uma visão elaborada pelo próprio Ramos Rosa nos dois volumes de sua *Obra Poética* (2018; 2020). Nossa hipótese é que a obra de Ramos Rosa pode ser lida como uma especulação sobre o tema.

Ramos Rosa pensa o Aberto em suas errâncias e deslocamentos – do interior para o exterior e vice-versa –, como espaço geográfico e como espaço subjetivo. Observamos, nele, um movimento de alternância, do horizonte físico para a sua sensibilidade e vice-versa. Jacques (2012) entende a errância em seus diferentes contextos, desde os deslocamentos físicos até as derivações do pensamento e das emoções. Ao examinar a errância como espaço para a criatividade, o questionamento e a resistência aos padrões estabelecidos, ela observa o deslocamento como elemento formador da subjetividade. Para ela, o deslocamento é uma forma de existência no mundo, aquela em que o sujeito está constantemente em busca de novas experiências e caminhos, portanto, estado de abertura e fluxo, em que a mente e o corpo se conectam com o ambiente e com o desconhecido, possibilitando constante processo de descoberta e transformação.

O mesmo entende Onfray (2009), para quem o deslocamento não se limita aos estudos geográficos e abarca uma interpretação poética. Para o autor, uma das formas de deslocamento poético é a leitura de um livro. O deslocamento abarca a noção de travessia,

engloba o ato de atravessar, percorrer, vencer distâncias, tanto quanto a imersão, a autorreflexão e a indagação sobre o ser e o estar no mundo. Da mesma forma, a travessia é também um deslocamento e uma busca interior. Ainda segundo Onfray (2009), o viajante tem gosto pelo movimento, paixão pela mudança, vontade de independência, culto pela liberdade e improvisação.

Utilizamos, em nossa investigação, a metodologia bibliográfica, propondo, sempre que possível, uma leitura crítica dos textos. Tal leitura crítica busca entender como os deslocamentos visuais, perceptivos, sensíveis e poéticos de Ramos Rosa estão associados à busca interior, à visão de mundo e ao autoconhecimento. Nossas conclusões apontam para a necessidade de novas investigações para compreender os possíveis desdobramentos filosóficos, poéticos e conceituais decorrentes da noção em Ramos Rosa, assim como uma investigação mais detalhada do assunto, sobretudo no volume dois de suas obras completas.

## 1 Deslocamentos verticais

Dravet (2014), a partir de Heidegger, Rilke, Juarroz e Char, entende o Aberto como modo de ser, dimensão e verticalidade no sentido do abrangente da amplidão. Ela encontra, no termo grego *Ráthetos*, que significa abismo, garganta, abertura de boca, um campo de conexões e de comunicações, meio de passagem, por isso mesmo, de deslocamentos, intervalos e experiências. Ela salienta duas ideias-chave que decorrem da noção de Aberto: a primeira é que as leis de organização e de manutenção de qualquer sistema advêm não só do equilíbrio, mas também do desequilíbrio. A segunda ideia é que, para compreender qualquer sistema, devemos procurar as razões não apenas no próprio sistema, mas também em suas conexões.

A autora entende que a realidade do existir encontra-se no elo do coexistir no Aberto. O Aberto implica a metáfora, o indeterminado, o risco e a conexão flexível, enquanto o fechado implica a metonímia, a autonomia, a segurança e a conexão rígida. Dravet denomina de “princípio com” as conexões flexíveis que possibilitam trocas materiais-energéticas, organizacionais-informacionais e sapienciais-espirituais. Ela cita o teorema de Gödel<sup>2</sup>, observando que ele instaura uma brecha necessária para a

---

<sup>2</sup> Em fins do século XIX, no Congresso de Matemática de Paris, em 1900, Hilbert, renomado professor em Göttingen, apresentou 23 problemas, que, segundo ele, *estariam ocupando os matemáticos do século XX*. Seu segundo problema perguntava se é possível provar que os axiomas da aritmética são consistentes, isto

inteligibilidade e a importância do Aberto na compreensão da unidade dos sistemas. As insuficiências lógicas são simultaneamente as insuficiências ideológicas no sentido de que, como mostrou o matemático Alfred Tarski, nenhum sistema semântico pode encontrar em si mesmo a sua própria justificação e a sua própria explicação.

Advém daí a importância da investigação dos meta-sistemas que, por sua vez, sofrerão, ao seu nível, da mesma carência, o que nos faz compreender que definições, conceitos, sistemas e modelos sejam entendidos por seu inacabamento e que estejam sempre necessitados de novos desenvolvimentos, pois que condenados à inconclusão e, por isso, de certa forma, seguem permanentemente abertos. Quando os gregos chamaram de *ráthetos* ao abismo, no sentido de abrangente da amplidão, abertura por onde trafega *theos*, e usaram a mesma palavra para dizer vertical, abertura, garganta e abertura de boca, nos estimularam a pensar o campo das conexões, os meios de passagem e os deslocamentos. Por vertical, entendemos a relação entre poesia e pensamento em sua proximidade com a noção de *logos* e em sua proximidade a um “modo de vida”, “modo de ser”, que a aproxima, por sua vez, de uma proposta existencial e ética.

Heidegger, a partir de Rilke, chamava o aberto de “círculo mais vasto”. O Aberto era, para ele, um estado do ser-em-busca-de. O Aberto era o campo sem limites das conexões e possibilidades. Nesse sentido, o Aberto era entendido como espaço formador de nós, dimensão dotada de sístole e diástole, campo do dispor e do propor. O mesmo “dispor” e “propor” pensado por Heidegger acerca da *physis* em Heráclito, que entende o *logos* como “dispor” e “propor”, nesse sentido, reunião, realiança e rejunção. Assim, Dravet interpretou o Aberto como um *logos*, princípio com, campo inclusivo e rejuntivo, com fusão, condução e união íntima.

Além de Heidegger, ela observou a importância do Aberto para autores como René Char e Roberto Juarroz. Para o poeta francês, somos “adotados” pelo Aberto, o que explicita nossa orfandade neste mundo. Char (1995, p. 275) diz: “Adotados pelo aberto, lixados até o invisível, éramos uma vitória que nunca teria fim”. Ele diz isso em um poema

---

é, dado um número finito de passos lógicos corretos, nunca se chegará a uma contradição. Com o tempo, o segundo problema de Hilbert continuava em aberto. Estudos posteriores de um jovem matemático austríaco, Kurt Gödel, emigrado para os EUA, que se consubstanciaram no teorema que leva o seu nome, deram o tiro de misericórdia na pretensão. Gödel provou que, em um sistema lógico formal, existem assertivas verdadeiras que não podem ser provadas. Gödel elaborou, aos 25 anos, um teorema em que prova a incompletude dos sistemas, mostrou que a consistência dos sistemas e das definições é apenas relativa, que dependerá sempre de outro sistema ou outra definição para provar a sua consistência e que essa definição, por sua vez, dependerá de outra e assim por diante.

sobre o rio Sorgue, no livro *Os primeiros instantes*, de 1947<sup>3</sup>. Juarroz, por sua vez, diz, numa carta escrita para o seu tradutor inglês W. S. Merwin e fechada a 26 de agosto de 1986<sup>4</sup>: “Busco o aberto: sigo tendo algumas grandes admirações (como Porchia, Rilke ou Huidobro), por exemplo” (Juarroz, 1994, p. 203). A correlação entre “vertical” e “Aberto” será algo que Juarroz irá trabalhar durante toda a vida. Sua interpretação é a de que o vertical corresponde ao desejo pelo ascendente e, em seguida, pela iminência da queda.

Juarroz (2000) acreditava que a poesia estava dotada de tríplice ruptura: em primeiro lugar, uma ruptura com certa concepção de realidade, pois era uma abertura à visão de realidade. A segunda ruptura era com a linguagem. Não se podia continuar usando noções ‘gastas’, pragmáticas, convencionais para expressar novas cosmovisões. A terceira ruptura era com o medo: o medo de abertura da poesia nos colocava desnudos diante de nós mesmos. Com todas essas rupturas, a poesia era uma das formas de desenlaçar o ser humano das amarras da realidade material, do prestígio social, *status quo*, escalada profissional, financeira e padrões sociais.

A poesia é uma via irregular, não ortodoxa, herética do conhecimento, unindo-se a ela a visão e a imaginação. É uma metafísica instantânea, como escreveu Bachelard. E mantém os olhos abertos para o mistério, condição essencial para Einstein. Enriquece ou aumenta esse mistério, como se fosse um dom ou um fundamento (Juarroz, 1994, p. 205).

Para Juarroz, o vertical é uma dimensão mais do que uma direção. O vertical foi um tema tão importante para ele que todos os seus livros tiveram o mesmo título: depois do primeiro *Poesía Vertical*, em 1958, veio o segundo, *Segunda Poesía Vertical* (1963), depois *Tercera Poesía Vertical* (1965) e, assim por diante, até o último *Decimocuarta Poesía Vertical*, em 1994. Essa insistência temática fez de sua obra um longo estudo sobre o tema. Para ele, o Aberto seria um *logos* e, nesse sentido, um pensamento-poema. Juarroz havia lido atentamente Heidegger<sup>5</sup>, que disse, em *Caminhos de Floresta*, “Tal como a

<sup>3</sup> “Olhávamos correr diante de nós a água crescente. Apagava de uma vez a montanha, expulsando-se de seus flancos maternais. Não era uma torrente que se oferecia a seu destino, mas um animal inefável de que nos tornávamos a palavra e a substância. Ela nos mantinha apaixonados no arco todo-poderoso de sua imaginação. Que invenção poderia ter-nos contido? A modicidade cotidiana havia fugido, o sangue jogado estava rendido a seu calor. Adotados pelo aberto, lixados até o invisível, éramos uma vitória que nunca teria fim” (Char, 1995, p. 275).

<sup>4</sup> “Busco o aberto, sigo tendo algumas grandes admirações (como Porchia, Rilke ou Huidobro, por exemplo), sempre tive alguns grandes amigos, estranhamente me importa o homem, me assusta um pouco esse reconhecimento crescente dos últimos anos e as vozes que me chegam de muitas partes, estou carregado de múltiplas dúvidas, tenho sem dúvida uma profunda fé em algo que só posso vislumbrar em minha poesia e gostaria de viver um pouco mais” (Juarroz *apud* Melwin, 1986).

<sup>5</sup> “Tal como a Natureza abandona os seres/ ao risco de seu prazer abafado sem que nenhum/ seja

Natureza abandona os seres, o Aberto relaciona-se ao risco e ao que não é especialmente protegido” (Heidegger, 1998, p. 351). Para Heidegger (1998, p. 351), o aberto não nos dispensa “nenhuma atenção especial”, pelo contrário, “põe-nos em risco”, “fora de proteção”, é o “desamparo, e que / ao aberto assim o virámos, vendo-o ameaçar, para que, algures no círculo mais vasto, onde a Lei nos toca, o aceitemos”.

Entendemos, portanto, o Aberto a partir da tradição de autores citados anteriormente como um *logos* que aproxima, achega sentidos, relações, coisas, imagens e ideias. *Logos* propiciador de comunicação multirrelacional e multirreferencial com vistas à re-ligação.

Como veremos a seguir, um dos principais prodígios da obra de Ramos Rosa, diz Carvalho (2022, p. 352-353), é como o poeta radicou o seu trabalho na relação entre poesia e pensamento; numa “[...] meditação aflorada a volta das noções de *algo*, *abismo*, *desconhecido*, *indeterminado*, *informulado*, *infigurável* ou *indizível*” (p. 252, grifos próprios).

## 2 Deslocamentos da visão

Agora, passamos à interpretação do Aberto que Erthal e Carvalho fazem em Ramos Rosa. Também a partir de Heidegger e Rilke, elas exploram a noção como “risco” (no sentido de desamparo) e como uma ontologia, a do “ser aberto”, capaz de “estabelecer uma relação total com o mundo”. Ao investigar a noção, no terceiro capítulo de sua tese, na seção intitulada “Visão do aberto”, Carvalho (2021, p. 250) chama a atenção para os deslocamentos da noção que migram de “espaço interior”, para “experiência” e “meditação”. Como meditação, o poeta percebe a relação entre o aberto e a ideia de “vazio”, ou “olhar vazio”. Para ela, “O Aberto [em ARR] reclama do sujeito um despojamento sem reservas” (p. 247). Ao explorar um verso do livro *Clareiras*, em que o poeta diz: “Agora escrevo na coincidência e na amplitude do aberto” (OP-I/C, p. 1128), ela aproxima a escrita poética do autor com aquela da experiência meditativa, por si só um “aberto sem limites” (OP-I/C, p. 1142).

---

especialmente protegido, nas glebas e ramadas/ assim também nós não temos, do mais profundo do nosso ser,/ uma atenção especial; ele põe-nos em risco. Só que nós,/ mais ainda que a planta ou o animal,/ vamos com o risco, queremo-lo e por vezes também/ arriscamos mais (e não por interesse próprio),/ do que a própria vida, arriscamos/ por um sopro mais... Isto concede-nos, fora de proteção,/ um estar seguro, aí onde actua a força de gravidade/ das forças puras; o que por fim nos abriga,/ é o nosso desamparo, e que/ ao aberto assim o virámos, vendo-o ameaçar,/ para que, algures no círculo mais vasto, onde a Lei nos toca, o aceitemos” (Heidegger, 1998, p. 20).

Em seu estudo, Carvalho procurou “sinais para o aberto” (OP-I/CV, p. 1151), expressão que retira de *No Calcanhar do vento* (1987). Em *Lâmpadas com alguns insetos* (1993), encontra os versos: “[...] uma língua aérea / que desenhe o corpo e o liberte / na nudez de ser o aberto ignorante” (OP-II/LAI, p. 550). Nessa busca de sinais, entende que a noção “não tem nome mas requer um nome” (OP-II/LAI, p. 508), pois é uma evidência que incita e fulgura. “Como um deus sem nuvens o Aberto fulgura”, diz o poeta em *Delta seguido de Pela Primeira Vez* (1996) (OP-II/D-PV, p. 708).

Em sua análise do poema “O sol negro o sol branco”, ela observa o progressivo deslocamento de sentido do Aberto, passando de uma “força fraterna”, para “corpo livre” e “espaço puro”, por fim, uma consciência da opacidade que força a “estabelecer uma relação total com o mundo” (Rosa, 1980, p. 84). Noutras palavras, o Aberto desloca-se entre a “força fraterna” e a “visão” que incita a “compreensão integrada do ser humano”. Em sua tese, Carvalho diz ainda que o Aberto é visto como uma experiência próxima à vacuidade. Como experiência, é um deslocamento permanente entre a interioridade e a exterioridade, o espírito e a matéria, a prosa e a poesia, o conhecimento e a sabedoria. Quando a visão se abre ao Aberto, trata-se de um “momento nupcial”, diz, ou seja, uma aliança. O Aberto é o deslocamento que reconstitui o originário assombro de quem vê o mundo pela primeira vez:

Todavia, a visão pode acompanhar e desenvolver as modalidades do sentir quando ela se abre ao Aberto, ou seja, à totalidade da transcendência que lhe é inerente como virtualidade permanente. Ver, em vez de uma redução tautológica perante o excedente das latências invisíveis [...], será constituir o mundo da identificação da alteridade e reconstituir o primitivo assombro e o ingênuo deslumbramento dos homens que viram o mundo pela primeira vez (Rosa, 1995, p. 39).

Helena Carvalho (2021, p. 251) ratifica, portanto, o que diz o poeta, que o Aberto é uma visão ou um modo de ver que a palavra instaura no seu percurso originário. Cita o poeta, ao se referir ao “ingênuo deslumbramento dos homens que viram o mundo pela primeira vez”. A noção introduzida por Ramos Rosa e apresentada por Carvalho como “espaço aberto” e interioridade está associada a uma visão receptiva, mescla de olhar e de ouvir. Liga-se à noção de horizonte. Num poema de *Relâmpago de Nada* (2004, p. 10), ele escreve: “É talvez o aberto que cria o horizonte, é talvez a respiração que abre o mundo”. Segundo Aline Duque Erthal (2017, p. 91), “Na poesia de Ramos Rosa, o

horizonte é *imediato* (na dupla acepção, temporal e espacial), ou seja, se presentifica em um aqui e agora aberto”.

Ramos Rosa diz, em “Versões/Inversões”, “Foi porque não tinha um horizonte que comecei a escrever”. É uma frase magnífica. Esse horizonte configura-se num “horizonte aberto”, como diz em *A Construção do Corpo* (OP-I/CC, p. 346), ou um “espaço aberto”, em *Ocupação de Espaço* (OP-I/OE, p. 219), que se correlacionam, por sua vez, com a ideia de construção, um fazer-se corpo, obra, poema e “eu”.

Em um breve e panorâmico sobrevoo da *Obra Poética I* (2018) e da *Obra Poética II* (2020), podemos ver como o tema ressurge com considerável força. Em *Viagem através duma nebulosa*, mais especificamente em *Grito Claro* (1958), no poema “O funcionário cansado”, encontramos não o Aberto, mas o seu contrário, o fechado, digamos assim, no “coração confundido”, na “alma que não dança”, no “toda a vida às avessas a arder num quarto só” e “na gaiola no quintal da frente”. A “gaiola” e o “quarto só” nos parecem clausuras, espaços onde o funcionário observa a vida e sua dura rotina. O poema termina com estes versos: “palavras soterradas na prisão da minha vida / isso todas as noites do mundo uma noite só comprida / num quarto só”.

Adiante, no mesmo livro, num poema dedicado a Alberto de Lacerda, que começa pelo gaio saber, quando diz “A Ciência das canções / o saber alegre”, há uma passagem que lemos como um canto ao Aberto: “[...] ó brilhante segredo exterior / que ninho mais claro que o meu corpo em repouso / liberto de todas as esperas desesperadas”. Aqui, o tema da liberdade, do corpo, do ninho, da exterioridade e do desespero evoca espacialidades em que exterioridade e interioridade não se excluem.

No poema “O boi da paciência”, encontramos o verso: “Deixem-me livre por um momento em qualquer parte / para uma meditação mais natural e fecunda / que me limpe o sangue! / Recomeçar”. No poema “*Je suis au bas des ombres*” (dedicado a Paul Eluard), encontramos, no último verso, “O mar repete-se ao longe / A bondade é uma caverna inútil / A solidão é inenarrável / A terra é grande”. Não é preciso dizer que o “grande”, o “mar” e o “longe” estão associados ao tema do “círculo mais vasto”, que Rilke e Heidegger entenderam como o próprio Aberto. O “longe” aparece no “Poema de duas faces”, da seção Poemas Nus, quando o poeta diz “É preciso ir mais longe na incerteza / É preciso no silêncio não escutar / A manhã que eu procuro não foi sonhada / Uma árvore me ignora na raiz”.

O tema da espacialidade prossegue: “Uma casa para eu ter a humildade de ser espaço” e “durmo no centro vazio do mundo / na estéril matriz”; “Desertei da biografia e

dos relógios”. E, num verso que lembra a poesia vertical de Juarroz, ele diz “O escuro rumor da casa / o miúdo calar de cada coisa // o claro romper das palavras / verticalmente duras”. No poema “Queda”, observa “Em qualquer parte um homem / abre o seu punho e ri”. Depois prossegue, no mesmo poema, “Este homem que esperou / à sombra duma árvore / mudar a direção / ao seu pobre destino” e, em seguida, “Em miseráveis quartos / eu descobri a luz”. Tudo isto está em *Grito Claro* (1958).

Em *Voz Inicial* (1961), o tema do Aberto e do fechado lembra uma fenomenologia ou um pensar sensorial, quando o poeta diz, no verso de “O único sabor”, “ó perdida proximidade, ó perdida longinquidade”. Em *Sobre o rosto de terra* (1961), no poema “Entre o silêncio e o sol”, notamos os deslocamentos espaciais do Aberto, quando ele destaca: “na clareira há um espaço de fresca ausência”, um “caminho com palavras sobre a terra dura / [em que] cada palavra abre uma porta de ar”. No poema “Um caminho de palavras”, o tema persiste: “Caminho, porque há um intervalo entre tudo e eu, e nesse intervalo caminho e descubro o meu caminho. // Mas entre mim e os meus passos há um intervalo também”.

O Aberto aparece também como um deslocamento no verso: “E porque a noite não tem limites / alargo o dia e faço-me dia / e faço-me sol porque o sol existe”. No mesmo livro, no poema “Onde ainda é possível”, observamos “Um vazio se abre, e é vazio, um branco... aí respiras”. Na seção “Sobre o rosto da terra”, a mesma que dá título ao livro, há um fragmento em que lemos “Vivo devorado de espaço, aberto à luz, como um tronco a que uma cabeça assoma, voltada ao horizonte” (OP-I, p. 139).

Helena Carvalho notou aparições e deslocamentos do Aberto nos livros *Ocupação do espaço* (1963) e em *Estou Vivo e Escrevo Sol* (1966). No primeiro, na passagem: “Defronte os ombros nus, / o espaço aberto: uns braços longos” (1963, p. 219); no segundo, “Cobertos descobrimos o aberto / que há no dentro deste espaço aberto”. Em sua tese (2021, p. 229), diz, na nota de rodapé<sup>6</sup> número 201, que “[...] a primeira aparição da noção de *espaço aberto* na poesia de Ramos Rosa surge nos versos: ‘Defronte os

<sup>6</sup> É esta (em *Ocupação do Espaço*) a primeira aparição da noção de *espaço aberto* na poesia de Ramos Rosa, nos seguintes versos: “Defronte os ombros nus, / o espaço aberto: uns braços longos.” A expressão ressurgirá amiúde ao longo da sua obra, até mesmo nos títulos dos anos 2000 (cf. OP-I/EVES: 241, 291; OP-I/NP: 631; OP-II/LI: 22; QN: 20; RN: 12, 15; Pa: 15). Também nos textos ensaísticos a expressão “espaço aberto” é várias vezes mobilizada, curiosamente mais do que “horizonte aberto”. Encontramos, em tais escritos, vários trechos que aclararam o sentido de tal noção na poética de Ramos Rosa, mesmo quando é aplicada no contexto de análise ou comentário sobre obras de outros autores. Num texto sobre a poética de Jorge de Sena, que integra *A Poesia Moderna e a Interrogação do Real I*, lemos “O mundo que o poema suscita e revela é um espaço aberto, cuja fluidez e indeterminação, e até a contingência de tudo quanto nele se processa em permanente metamorfose, a presença e a ausência, o ser e não ser, são reassumidos numa totalidade que define a verdadeira dimensão temporal do poema, o seu espaço total [...]” (PMIR-I: 122).

ombros nus, / o espaço aberto: uns braços longos”. A nosso ver, contudo, o Aberto aparece como tema e imagem em Ramos Rosa desde os seus primeiros livros e é anterior a essas publicações. Como espacialidade ascendente, círculo mais vasto, dialógica exterioridade-interioridade, a noção é anterior a 1963, como vimos nos exemplos de *Grito Claro* (1958), *Voz Inicial* (1961) e *Sobre o rosto de terra* (1961). A ideia de que aparece somente a partir de 1963, como defende Carvalho, é algo que vale a pena ser repensado.

### 3 Deslocamentos do Aberto

A nosso ver, antes de *Ocupação do Espaço* (1963), onde Ramos Rosa já procurava “o ser redondo” (OP-I/BI, p. 581), a ideia emerge como um tema substantivo. Vale a pena retomar nosso breve sobrevoo panorâmico do *Tomo I* das *Obras Poéticas* (2018), em recorte meramente cronológico, para perceber tais deslocamentos. Em *Grito Claro* (1958), *Voz Inicial* (1961) e *Sobre o rosto de terra* (1961), encontramos, em “Visão vertical”, poema em prosa de *Terrear* (1964), a “lucidez penetrante” diante da “pressão”, da “falta de ar”, do “moinho dilacerante”, das “sombras” que soçobram “novas configurações”. A nosso ver, o que ele chama de “lucidez” é a “visão vertical”, capacidade de um mirar abrangente do risco e do desamparo. Em “Campo e corpo”, do *A Construção do Corpo* (1967), lemos “À mesa de trabalho, a página é vazia. / A luz banha a brancura e um campo emerge ténue” (OP-I/CC, p. 347).

“À mesa de trabalho, a página é vazia”. A página em branco na qual o poema surge configura, pois, um campo disponível, imagem na qual cabem as noções de espaço e horizonte. Carvalho (2022) e Erthal (2017) mostraram um espaço feito de horizontes. Nesse recorte, emerge o espaço da escrita que descobre o corpo, lugar da respiração e da amplificação perceptiva; campo alargado pelo olhar. Dessa forma, “corpo e campo surpreendem-se envolvidos”, conclui Carvalho, unificados, são “faces de uma só respiração que une o dentro e o fora, como reiteram vários versos” (2022, p. 228).

No poema “O sol negro o sol branco”, de *Círculo Aberto* (1979), aparecem os versos: “Para viver no ser aberto / como um animal / como uma força fraterna / um corpo livre”, em que Carvalho os analisa detalhadamente, no capítulo “A boca trémula do poema: criação poética e risco em António Ramos Rosa”, no livro *António Ramos Rosa: Escrever o Poema Universal* (2021). Ela insiste na importância da “força fraterna” e do “corpo livre” como dimensões do Aberto. Antes desse trecho, o poeta se refere “ao desejo

de alcançar a força viva”, desejo de “criar um espaço para mim e para ti”, e conclui: “[...] para viver ao sol desperto e nu” [há que] “viver no ser aberto / como um animal / como uma força fraterna / um corpo livre”.

No livro *Gravitações* (1983, p. 54), ele diz explicitamente “O círculo dilata-se e dilata-nos / O lugar revela-se no esplendor da luz” (OP-I, p. 946). Essa imagem é justamente o que Dravet (2014) entendeu, a partir de Heidegger e Rilke, como “círculo mais vasto”. Ramos Rosa, em *Círculo Aberto* (1979, p. 656), elabora mesmo uma formulação tipicamente heideggeriana: “entrar na clareira/ do ser” (OP-I/CA). Carvalho mapeou o círculo na obra de Ramos Rosa. Diz que o tema surgiu nas primeiras obras e se plasmou no *Círculo Aberto* (1979). Segundo conta, a figura do redondo será presença constante, sugerindo, sob o signo de Heráclito, uma totalidade em que todos os contrários se reconciliam; será imagem de um princípio gerador. A imagem do “círculo” aparece em *Volante Verde* (1987, p. 1050) com recorrência, ora como o “grande círculo móvel”, ora se refere ao “círculo intacto”, e se pergunta “Onde está o fim das coisas?”, para responder “Livre, livre é o espaço” (OP-I/VV). Ele observa (num poema com um título estranho), “O Crescimento escreve”, que “As figuras dançam no círculo do princípio” (OP-I/VV, p. 1073-74). No poema “Círculo cego” (OP-I/VV, p. 1077), fala do “círculo de um mistério verde” (OP-I/VV, p. 1100) e, em seguida, se refere a “círculos do desejo” (OP-VV, p. 1103) e ao “círculo completo”, como nos versos “Tu preenchias o círculo completo, totalidade limpa” (OP-I/VV, p. 1078), ou fala do “círculo calmo”, como nos versos “um círculo calmo / resume em si a inércia feliz do movimento” (OP-I/VV, p. 1084).

A insistência nesse “ser redondo” está nomeadamente no livro *Clareiras* (1986), dado ao prelo no mesmo ano de *Volante Verde*, em que aparece um texto intitulado “No círculo total” (OP-I/C, p. 1130), no qual ele diz “Estou completo como uma onda do mar, como uma árvore, como um muro branco. A tranquilidade é absoluta. Ninguém responde, nada responde, é aqui o círculo total”. E prossegue, “Que magnífica dilatação de todo o espaço interno! Estou talvez no centro liberto. Sinto a realidade numa profusão harmoniosa que me inclui, que me abraça, que a mim vem e me rompe em tranquilos e ardentes jorros” (OP-I/C, p. 1130).

Depois de *Clareiras*, escreve, em *No calcanhar do vento* (1987), no poema “O círculo da casa”, “Sem te nomear e quase sem te ver, tu és o círculo / que me envolve quotidiano na sua luz pacífica” (OP-I/VV, p. 1184). E, ainda *No calcanhar do vento*, “O meu corpo é uma caverna aberta até aos astros” (OP-I/CV, p. 1185). Além da figura do

Aberto como “grande círculo móvel”<sup>7</sup>, em *Volante Verde* (1986), podemos encontrar as imagens de Aberto como vacuidade, brancura, fraternidade e horizonte ou como “espaço livre da irradiação fraterna”.

Em um texto sobre Alberto Lacerda, Ramos Rosa fala de um “[...] espaço aberto em que tudo circula e se comunica, espaço livre da irradiação fraterna, da comunhão, da unificação” (PMIR-II, p. 35). Carvalho destaca um ensaio tardio intitulado “A dinâmica inaugural da linguagem”, publicado no *Caderno de Filosofias* em 1994, em que o “espaço aberto” relaciona-se a uma “meditação filosófica sobre a natureza e o funcionamento da linguagem”. O poeta afirma:

A linguagem é uma abertura em constante automovimento para o fundo e por isso transcende o plano da explicitação lógica e conceptual e, na sua verticalidade, é a ascensão do sujeito ao espaço aberto das presenças vivas irredutíveis ao conceito, mas inerente à dinâmica presencial da linguagem (Rosa, 1994c, p. 44-45).

De novo, a dimensão da abertura, da verticalidade e dos espaços abertos aparecem aqui associados. A estes podemos agregar as noções de horizonte, ver/olhar, vazio e brancura. Em *Boca Incompleta* (1977), o termo “horizonte” é de “dimensão fenomenológica”, diz Carvalho, e leva a estudiosa a pensar no discurso husserliano, “horizonte aberto” e “horizonte interno”. Além de buscar as referências aos círculos na obra, Carvalho buscou os verbos “ver” e “olhar”, bem como os substantivos correspondentes, presentes nos títulos *Nos Seus Olhos de Silêncio* (1970) e *Animal Olhar* (1975, vol. II da *Obra Poética*). Os verbos estão em vários títulos, como no já citado poema “Visão Vertical”.<sup>8</sup>

Carvalho conclui que, da visão metapoética de Ramos Rosa, emerge uma meditação acerca do Aberto como vazio e não ser, que remete às noções chinesas de *wu* (nada) e de *hsu* (vazio original) – de que são complementares o *you* (o que existe) e o *shih* (o pleno) dos primeiros taoístas, aproximando-se da noção budista de *sunyata* (termo sânscrito que pode ser traduzido por “vacuidade”). Nessas tradições, diz ela, o vazio é

<sup>7</sup> “Sinto-me ligeiro / como um pequeno peixe, uma coisa vagarosa. / Feliz, feliz, na frescura das veias, nos músculos libertos. / Ouço as flores bebendo luz, ouço o esplendor absoluto. Como saberei cantar no grande círculo móvel?” (OP-I/VV, p. 1066).

<sup>8</sup> Como mostra a estudiosa, em muitos casos, a noção de Aberto se associa àquela da visão. A visão predomina nos poemas de *Estou Vivo e Escrevo Sol* (1966); nos versos do poema de *A Pedra Nua* (1972), como “Até onde ou de onde o olhar se perde”; no “Olhar sem olhar”, poema em prosa de *Quando o Inexorável* (1983); na “Visão”, poema de *Volante Verde* (1986); “Uma visão” e “Para ver”, poemas de *O Não e o Sim* (1990); “Visão”, poema de *Facilidade do Ar* (1990); “A visão nua”, poema de *A Imagem e do Desejo* (1998).

pensado como um ilimitado, um fundo sem fundo que permite o aparecer e o movimento, à semelhança daquilo a que Rilke chamou de Aberto. Nesse sentido, a analogia que melhor o representa é o espaço.

O branco da página é experienciado como esse espaço aberto ilimitado e, como espaço aberto, é vacuidade e indeterminação. Nos textos de *Poesia, Liberdade Livre* (1962), surge a poesia como “unitas multiplex”, algo capaz de restabelecer “a unidade na multiplicidade”, como “riqueza da percepção original” (PLL, p. 12). Dessa forma, a poesia é capaz de “ultrapassar o nível da consciência reflexiva” (p. 18) e as “dicotomias da consciência privada” (p. 19). Ela ajuda o ser “humano” a perceber “o sentido da totalidade” (p. 24).

Nesse pulsar conjunto, que implica “a restituição do mínimo no Aberto” ou “do absoluto no ínfimo” (OP-I/CD, p. 813), o poeta explora outra forma de relação entre o vazio e o Aberto, agora com a página em branco e com a vida em suas possibilidades.

Situado entre a ausência e a presença, para que Ramos Rosa dedicou parte de sua produção ensaística e meditação poética, está outro livro, *O Centro na Distância* (1981). Ali, ausência e presença são postas em comunicação, numa relação quiasmática: “Presença-Ausência Ausência-Presença” (OP-I/CD, p. 813). No poema “Caos aberto”, o que é originário surge associado a “turbilhão”, evocando a passagem do caos ao cosmos. Como sugere o próprio título do poema, o caos surge como um espaço aberto que, “aqueém dos sinais definidos” (OP-I/DS, p. 956), é simultaneamente “a génesis do tempo e do espaço, do corpo e do mundo, do cosmos e do poema”, diz Carvalho. Diz ela, na nota de rodapé 274 (2021, p. 286): “Neste contexto, é importante lembrar que o Caos de Hesíodo é pensado por Ramos Rosa como ‘abismo ou abertura infinita, na proximidade do sâncrito *Ka*, e não como confusão, sentido que se estabelece com Aristóteles e com os estóicos’” (p. 286). Por fim, ela lembra que o fragmento 103 de Heráclito, segundo o qual, num círculo, princípio e fim são comuns, é algo que aproxima Heráclito de Ramos Rosa. Para ela, é evidente tal associação, desde o trabalho de conciliação dos contrários, como em suas declarações públicas. Numa entrevista de 2004, Rosa (2004c, p. 8) diz: “Vivemos de certa maneira sob o signo de Heráclito. O caminho que vai para baixo é o caminho que vai para cima. O que é negativo na poesia é essencial, sem esse negativo não havia criação poética”.

#### 4 Deslocamentos do aqui e agora

Na tese de doutorado de Aline Duque Erthal, intitulada *Deserto Excessivo: Convivência de Múltiplos* em António Ramos Rosa, Carlos de Oliveira e Luís Miguel Nava (2017), o Aberto aparece como “uma das condensações possíveis para a função deserto” em Ramos Rosa. Para Erthal, as palavras intervalo, espaço, vazio, círculo, aberto são abundantes na obra. Ela viu o Aberto em Rosa como um “deserto” que persiste, um 1) “extenso campo do abandono errado”, 2) uma “errância em processo”, 3) um lugar do “possível” e 4) como um “vazio constituinte”.

Erthal destaca os versos “Eu escrevo para que o universo diga sim no puro espaço / e esse sim ressoe no meu peito aberto” (Rosa, 2001, p. 368). Para ela, no poema “Limite da noite, princípio do corpo” (OP-I, p. 953), de *Dinâmica subtil* (1984)<sup>9</sup>, é possível encontrar ressonâncias às ideias de nulidade, deserto, sede, apagamento, silêncio, nudez, vazio, perda e nostalgia. Ele atua na rarefação imagética e metafórica que almeja um aberto, diz ela: um *espaço*, uma *relação* e uma *passagem*.

No poema “Esplendor calcinado”, de *Horizonte imediato* (Rosa, 1974, p. 80-83), depois de dizer: “meu olhar aberto sobre um *golfo deserto*” (p. 81), ele conclama: “Abrete aqui ao refluir das pálpebras / num *corpo de cal*, de lágrimas sem memória, / abre-te aqui entre a sombra e a luz, / corpo de terra e ossos, de água obscura e fome / e sede, ó corpo nu, ansiosamente nu, / aberto à luz do sol, à secura da terra!” (p. 82).

No poema “Entre as raízes” do mesmo *Horizonte imediato* (1974), “É o barco de ervas, a rotação lentíssima / que a tua mão recebe da terra e à terra imprime, / é o horizonte aberto que o teu rosto absorve”. Erthal identifica, no poeta, um “aqui e agora no aberto” (p. 78), que repercute numa “intensidade da presença” e “identifica-se com o vazio da ausência” (Rosa, 2001, p. 229). Erthal chega a tal conclusão a partir dos versos

O firme timbre das frases repercute a passagem vibrante das imagens que se libertam nas águas. Algumas abrem-se em curvas de concavidades. Escrevo agora na companhia efémera de presenças puras. [...] Agora escrevo na coincidência e na amplitude do aberto. [...] Quantos caminhos se abrem na página respirável [...] (p. 228).

O Aberto é não só uma experiência da abertura radical como também uma brecha. A partir do Teorema de Gödel, citado no início deste texto, instaura a brecha inevitável e necessária para a inteligibilidade dos sistemas. Ele permite o envolvimento, a expansão e

---

<sup>9</sup> No trecho “Caminha ao encontro das *raízes do espaço*. / Nada mais que uma relação, uma passagem. / Múltipla de olhos diversos repousada / no centro / vazio do movimento” (Rosa, 1984, p. 12).

a retração. Nenhum sistema pode encontrar relações sem sua mediação; ele é a exterioridade que permite o surgimento de meta-sistemas, e é a interioridade que revela o inacabamento desses mesmos sistemas.

Nesse ponto, voltamos à noção grega de *ráthetos*. O abrangente da amplidão que nos esmaga também é capaz de nos devolver a nós mesmos. É aquilo que Juarroz chamou de “queda” ou “rebote”, uma característica da verticalidade. O trabalho de soerguer altas torres, diz Juarroz, não se separa daquele de cavar fundos poços. Nesse sentido, podemos falar de uma verticalidade em Ramos Rosa. O Aberto “abre caminhos” em todas as direções, e tais caminhos, “de floresta”, para Heidegger, “filosófico-sapiencial” segundo Helena Carvalho, são tortos, difíceis, emaranhados, de passagens não muito claras e trilhas não muito fáceis de atravessar. Heidegger (2002b, p. 353) percebeu, no “interior do interior”, “o aberto / que há dentro deste espaço aberto”. No interior da consciência, no “espaço interior do mundo”, diz ele, se estabelece uma “relação (pura)”.

Podemos dizer que Ramos Rosa absorve a noção de Aberto em Rilke, intimamente ligada à de espaço interior do mundo. Rilke aludia que o espaço atravessava todos os seres e entrelaçava as coisas e o olhar. Ramos Rosa não parece distante dessa ideia. Ele entende o Aberto como o “espaço interior” e “invisível”, que revela um “sentido de totalidade” e de “precariedade da condição essencial do homem” (PMIR-II, p. 80). Ramos Rosa lê, nos versos rilkeanos da “Oitava elegia”, diz Carvalho (2022), a sugestão de que os olhos são “armadilhas”, levam a certa indigência ditada pela vocação objetivante da consciência. Para ela (p. 245), os olhos caem na “armadilha” da alta dispersão, padecem na “cultura do cálculo e da posse que anima as sociedades modernas governadas pela técnica”.

Ramos Rosa escreve que o conceito rilkeano de Aberto testemunha a consciência que o poeta tem da opacidade “projectada” da visão humana, sendo a missão que incumbe ao poeta, pois, aquela “de estabelecer uma relação total com o mundo” (PMIR-II, p. 84). Em *Clareiras* (1986), destacamos um poema em que a expressão “espaço interno” aparece. Ali, diz “Estou dentro de ti, cego e luminoso, sou o teu espaço interno, o teu permanente renascer” (OP-I/C, p. 1131). *Clareiras* evoca, de novo, a imagem do círculo. *Círculo Aberto* é precisamente o título do livro publicado em 1979, em que vemos espaços expansivos, prenhes de infinito, assim revelados em verso: “O círculo dilata-se e dilatâmos / O lugar revela-se no esplendor da luz” (Rosa, 1983, p. 54), ou como, em *O aprendiz secreto* (2005), “A construção será redonda porque redondo é o ser”.

No livro *Facilidade do ar* (1990), atesta: “Não sei se respondo ou se pergunto. / Sou uma voz que nasceu na penumbra do vazio. [...] / Sou alguém que espera ser aberto

por uma palavra” (OP-II/FA, p. 245). A poesia abre o poeta pela busca da interioridade essencial, liberta as coisas e a consciência das estruturas cristalizadas. A poesia é essa abertura à visão que a palavra instaura no seu percurso essencialmente originário (RN, p. 23). Em Ramos Rosa, o Aberto pode ser entendido como “puro espaço”, no qual todas as criaturas estão imersas e providas de um olhar total.

Em *Meditações metapoéticas* (2003), o tema retorna. Logo no primeiro poema da conversação entre Ramos Rosa e Robert Bréchon, este último escreve: “É preciso abandonarmos a antiga ideia de nós próprios / Para renascer no aberto de uma / Consciência amiga em permanente oferenda / À perpétua metamorfose” (p. 19). Ramos Rosa, no segundo poema do livro, quase como uma resposta, ao falar que a “liberdade consuma”, conclui “Não se pode perder esse momento puro [que é a liberdade] / em que o ser se erige pontiagudo e aberto / com a vibração de uma extrema libélula” (p. 22).

No quarto poema das *Meditações*, ao falar do “vigor do repouso” e da “vagarosa adolescência do mundo”, ele atesta “[...] que a palavra nasceu do espaço aberto que era o seu alvo entre os labirintos de pedras / e a amorosa solidão respirava nas clareiras / na ofuscante plenitude do meio-dia / ou sob os acordes da inextinguível rosa de um plácido firmamento” (p. 30). Nesse trecho, de novo, vemos o horizonte, o “espaço aberto”, as “clareiras” e a plenitude aproximarem-se de um modo de ser descritos da seguinte forma: “E o seu ritmo é a maresia monótona e redonda”.

Corroboramos a ideia de Aline Erthal (2017), em sua tese, que identifica, na obra do português, um “aqui e agora no aberto”. Em seu trabalho, ela percebeu a relação do poeta com a dimensão vertical, no sentido temporal e espacial do termo, mas também com o *hic et nunc*, o ser-com, o agudo instante, o estado poético de atenção, respiração e envolvimento com o presente.

## Conclusão

Notamos, portanto, um deslocamento de sentidos da noção do Aberto em Ramos Rosa ao longo do tempo, iniciando-se como “casa” onde se pode “ter a humildade de ser espaço” (nos anos 1950), como “ser redondo”, “liberdade livre”, “riqueza da percepção original” ou “sentido da totalidade” (anos 1960), como “horizonte” e “círculo aberto” (anos 1970), como “grande círculo móvel” e “clareira”, “lugar em que se revela o esplendor da luz” (anos 1980), como “vacuidade” e “meditação” (anos 1990), para nomear, finalmente, como “sabedoria” e “consciência amiga” (anos 2000). Mais do que

surgir na forma de deslocamentos geográficos, o Aberto aparece sobretudo na interioridade e nas emoções do poeta.

Para concluir, salientamos a necessidade de seguir apostando em novos estudos sobre o Aberto em Ramos Rosa, sobretudo no volume dois das obras completas, assim como em seus ensaios. A ideia permite pensar possíveis desdobramentos filosóficos, éticos, estéticos, existenciais, fenomenológicos e conceituais. Como se pode notar, os sentidos do Aberto dispersam-se e deslocam-se na obra de Antônio Ramos Rosa. Em seu sentido mais pregnante, relaciona-se a uma forma de investimento subjetivo, perceptivo e relacional. De “ser redondo” para “força fraterna”, passando por “visão”, “meditação”, chegando a ser um valor sapiencial. Concordamos com Carvalho (2022) quando ela diz que o Aberto em Ramos Rosa é um olhar e uma visão – no sentido de meditação – que a palavra instaura no seu percurso originário. A ideia que intuo, em Carvalho, é a de que o Aberto é um construtor de fraternidades e de subjetividades. Um espaço (interior-exterior) de relação do eu com o mundo. Discordamos dela de que o Aberto suja na obra somente em 1963 e 1966. Em seus inícios, como vimos, o poeta já concebe a poesia como um movimento de ramificação ascendente, modo de religação do eu-e-do-mundo e dimensão geradora de verticalidade. A noção já está presente nos primeiros versos dos primeiros livros.

A pesquisa de Dravet (2014), para quem o Aberto é um modo de ser sensível e perceptivo no mundo, unida à leitura que Carvalho e Erthal fazem de Ramos Rosa, levam o poeta a ser um continuador de Heráclito, Rilke, Heidegger, Char e Juarroz. Nele, a noção de Aberto permite apostar em um pensamento-poema ou em uma logologia, em que poesia e pensamento se irmanam.

No livro *Prosas seguidas de Diálogos* (2011), Ramos Rosa diz que “há uma certa coincidência entre a experiência mística, a experiência erótica e a experiência estética”. A união dessas experiências passa pelo que Carvalho entendeu como “caminho filosófico e sapiencial”. É experiência mística porque penetra o silêncio, o branco e o vertical; é experiência estética porque comunica um entendimento e uma sensibilidade (ao dialogar consigo, com o outro e o mundo); e é uma experiência erótica porque roça no inapreensível, faz um corpo-a-corpo com a vacuidade e tem proximidade com o vital, o difícil e o amoroso.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, M. H. C. de. **A lucidez do poema a meditação metapoética como caminho filosófico e sapiencial em António Ramos Rosa**. 2022. 440f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura e Cultura) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/55933>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- CARVALHO, M. H. C. de (org.). **António Ramos Rosa: Escrever o Poema Universal**. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2021. 290 p.
- CHAR, M. C.; CENTENO, Y. K. **René Char – Este fanático das nuvens**. Lisboa: Edições Cotovia, 1995.
- DRAVET, F. **Comunicação e poesia – itinerários do aberto e da transparência**. Brasília: Ed. UnB, 2014.
- DRAVET, F. A Busca das Conexões Completas – a dimensão da poesia na comunicação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE INCOMUNICAÇÃO, São Paulo: Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura/PUC-SP/Caspér Líbero, 2006b.
- ERTHAL, A. D. **Deserto Excessivo: Convivência De Múltiplos Em António Ramos Rosa**, Carlos De Oliveira e Luís Miguel Nava. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. 225 p. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3775>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- HEIDEGGER, M. [1959]. **Caminhos de floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- JUARROZ, R. **Poesía y creación**. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1980.
- JUARROZ, R. **Decimocuarta poesía vertical**. Buenos Aires: Emecé, 1997.
- JUARROZ, R. **Cesar Vallejo**. Serie homenajes, Academia Argentina de Letras, v. VIII Buenos Aires, 1994.
- ONFRAY, M. **Teoria da Viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- ROSA, A. R. **Obra Poética 1**. Porto: Assírio & Alvim, 2018.
- ROSA, A. R. **Obra Poética 2**. Porto: Assírio & Alvim, 2020.
- ROSA, A. R. **Poesia, liberdade livre**. Lisboa: Morais, 1962.
- ROSA, A. R. **A Poesia moderna e a interrogação do real – 1**. Lisboa: editora Arcádia, 1979.

- ROSA, A. R. **O Aprendiz secreto**. 2. ed. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2005.
- ROSA, A. R. **Incisões oblíquas** – Estudos sobre poesia portuguesa contemporânea. Lisboa: Editorial Caminho, 1987.
- ROSA, A. R. **Dinâmica subtil**. Lisboa: Ulmeiro, 1984.
- ROSA, A. R. **Poesia Moderna e a Interrogação do Real II**. Lisboa, Arcádia, 1980.
- ROSA, A. R. **Prosas seguidas de Diálogos**. Faro: 4Águas Editora, 2011.
- ROSA, A. R. **Delta seguido de Pela Primeira Vez**. Lisboa: Quetzal Editores, 1996. (OP-II/D-PV, p. 708).
- ROSA, A. R. **Antologia poética**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.
- ROSA, A. R; BRÉCHON, R. **Meditações metapoéticas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- RILKE, R. M. **Poemas**: As Elegias de Duíno e Sonetos a Orfeu. Prefácio, selecção e tradução de Paulo Quintela. Porto: Oiro do Dia, 1983.

*Data de submissão: 06/10/2024*

*Data de aprovação: 18/02/2025*